

JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO

Fernando Pessoa

uma quase-autobiografia

a mais completa reconstituição da vida de Pessoa:
as angústias, os amores, os heterónimos e a
genialidade do maior poeta da língua portuguesa

ATO I

**Em que se conta dos seus
primeiros passos e caminhos**

*Quomodo fabula, sic vita; non quam diu,
sed quam bene acta sit, refert*

(A vida é como uma fábula; não importa quanto seja longa,
mas que seja bem narrada. Séneca)

O paraíso perdido

*“Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.”*

“Poemas inconjuntos”, Alberto Caeiro

Nascimento

“Um raio hoje deslumbrou-se de lucidez. Nasci.” Então, “como se uma janela se abrisse, o dia já raiado raiou”. É quarta-feira, 13 de junho de 1888. O amplo apartamento, no 4.º andar esquerdo, exhibe luxo burguês – incompatível com os poucos recursos da família que o habita. Em lugar das janelas dos apartamentos inferiores, este tem portas protegidas por pequenos balcões de ferro. De duas delas vê-se o Tejo “sobre umas casas baixas”. A entrada em pórtico envernizado e uma escadaria larga com corrimão de ferro dão ares aristocráticos ao edifício – número 4 *de polícia*, assim se diz ainda hoje. Fica no Largo de São Carlos, bem em frente ao Real Teatro de São Carlos – o mais rico e elegante de Lisboa. Convidados festejam na “sala de jantar apenumbreada”, por entre móveis escuros, aparadores, marquesões, “cadeiras de braços, repositores, tapetes”, cristaleira com louças da China e um “relógio sonolento” que decora o “papel velho das paredes”.

São *três horas e vinte minutos da tarde*, segundo a sua certidão de nascimento.¹ Mas o horário real talvez seja outro. Numa carta em inglês, ao editor do *British Journal of Astrology* (8/2/1918), diz: “A data do nascimento é bastante aproximada, fornecida como sendo às 15h20 com indicação, a título de reserva, da observação *por volta*. Alguns meses atrás, entretanto, lendo o

¹ De 21 de julho de 1888, número 20, na igreja Basílica de Nossa Senhora dos Mártires. Assim se deu porque, desde o Concílio de Trento, esses registos eram feitos apenas em paróquias, passando a ser feitos nas conservatórias do governo só depois da República (1910).



Casa onde nasceu Pessoa

Manual de Serpharial [*The New Manual of Astrology*], tentei aplicar os princípios que ali constavam para obter o dado real da época. Este número refletiu, corretamente ou não, 15h12 como a hora certa do nascimento.² Uma investigação junto da família – muito difícil para uma contagem em pontos de minutos tão pequena – resulta na convicção de que o nascimento teria sido pouco antes das 15h15, trazendo a marcação da época para uma probabilidade próxima. Estou desatualizado com os últimos progressos da teoria de marcação da época e deixo-lhes o encargo da retificação final.” O astrólogo português Paulo Cardoso, comparando o cálculo da Progressão do Sol (com a sua chegada ao chamado Meio do Céu do horóscopo) com os dados da sua vida, disse-me estar seguro de ter ele nascido às 3h22 da tarde. Dois minutos a mais que a hora oficial, portanto.

² Em comunicação mediúcnica de pouco antes (1916), o heterónimo Henry More já indicava ter sido “at 3h12 p.m.” (às 3h12 da tarde).

Sei ter o pasmo essencial³
Que teria uma criança se, ao nascer,⁴
Reparasse que nascera, deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...⁵

“O guardador de rebanhos”, Alberto Caeiro

De lá se tem uma vista bem ampla da cidade. “A casaria de Lisboa vai abaixo em degraus e para à beira da minha emoção, e a minha emoção chama-se o Tejo.” O Largo de São Carlos é só teatro, de um lado; e edifício, do outro. No rés do chão desse edifício, abriu a loja Marc Jacobs, com um painel sobre Pessoa (de Alexandre Paulo), e, nos demais andares, uma sociedade de advogados. Em frente, uma estátua de Pessoa em bronze (do escultor belga Jean-Michel Folon) e quatro árvores, antes arrancadas, que foram repostas. Quadrado em declive (mais baixo no teatro), e com uma fonte ao centro, con-tei 35 passos grandes nos dois sentidos do Largo. À direita de quem está no edifício fica a Rua Paiva de Andrada, pouco mais alta, a que se chega por uma pequena escadaria; à esquerda, no lado em que se vê o rio, dá para a Serpa Pinto. Construções baixas ficam entre essa rua e a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires; tão próxima do seu quarto que o pequeno Fernando pode ouvir as cantilenas de Natal, ainda hoje entoadas pelos fiéis:

Pastorinhas do deserto
Ó meu Menino Jesus
Do varão nasceu a vara
A Lua vai tanto alta

Pela noite de Natal
Olé, rapazes pimpões
Deus lhes dê cá boas-noites
Moradores desta casa

Essas casas são mui altas
Ó da casa, cavalheira

³ Numa primeira versão, “Sei ter o pasmo *comigo*”.

⁴ Teresa Rita Lopes, a partir de leitura nos originais, indica ser essa a redação correta – com *teria* em vez de *tem* que se vê em todas as publicações do poema (a partir da edição da Ática, de 1946).

⁵ Numa primeira versão, sucessivamente, escreve e risca “Para a *serena, futura, súbita, grande, completa*” – até, finalmente, “eterna novidade do Mundo”.

Partidos são de Oriente
Ai, acabadas são as Festas.⁶

Naquele “dia lento e suave” de Santo António, o carrilhão da igreja toca mais vezes que de costume, com o som dos sinos misturando-se com os “ruídos da cidade”. Ao longo da “rua parada” e “cheia de sol vago”, aguadeiros, “sons alegres”, “a gargalhada do andar alto”, “risos e ditos de carregadores pondo caixotes nas carroças” ou pelo chão, “gritos de vendedores de hortaliça”, capilé (xarope), perus e “um bulício que não quer dizer nada”. Famílias andam aos bandos, “com passos mais rápidos que apressados, pela claridade limpa do dia que se velara”. Nas calçadas “movimentadas de bichos humanos”, “um leiteiro a conversar com a criada gorda”, “garotos que dançam a brincar”, “rapazes com pressa de prazer”, “casais futuros, pares de costureiras”, saltimbancos, “um homem velho e mesquinho, a alegria dos banais falando a sorrir”, “gente normal” que “surge de vez em quando”, homens que são inocentes sem saber e homens que sabem ser culpados, embora não se importem muito com isso. Nas janelas, “roupas ao sol” e pequenos jarros de flores com lírios, cravos, manjeriões de folhas miúdas e alfavacas de folhas maiores.

Flores de junho
Dure em vós o pensamento
Sois apenas um momento
Esperando ser terminado.

Sem título (27/3/1909), Fernando Pessoa

Sentados em cadeiras nas portas das casas, como se nada houvesse de mais importante, vizinhos conversam animadamente. No campo das artes, o assunto daquele fim de primavera não é mais a ópera, que a temporada lírica do São Carlos findara em abril. Agora só se fala no suicídio da cantora lírica Bastia, prima-dona que tanto sucesso fez nesse teatro, pelo desconforto de ter engordado e não mais poder representar papéis destinados só às enxutas de carne; ou no lançamento do novo romance daquele que é “o exemplo mais flagrante do provincianismo português”, (José Maria d’) Eça de Queirós (1845-1900). Trata-se de *Os Maias*, para Casais Monteiro *o romance da inutilidade da vida*, em

⁶ Segundo um folheto distribuído nas missas, “Primeira cantata de Natal”, do compositor Fernando Lopes-Graça (1906-1994). O mesmo que por coincidência publicou, no número 48 da revista *Presença* (julho de 1936), *Uma canção de Fernando Pessoa musicada por Fernando Lopes-Graça* – em que essa canção era na verdade um poema (sem título, de 15 de janeiro de 1912) que começa pelos versos *Põe-me as mãos nos ombros.../ Beija-me na fonte.../ Minha vida é escombros*.

que o jovem e rico Carlos Eduardo da Maia seduz Maria Eduarda sem saber ser sua irmã. Mas tudo, naquela tarde, gira em torno da festa de Santo António, espalhada pelo Chiado – nesse bairro que Eça define em *Prosas bárbaras*) como *finis flora da graça dissipada*. Sobretudo ali bem perto no Largo Camões, pelo povo conhecido como das Duas Igrejas – a do Loreto (*dos Italianos*, assim se diz) e a da Encarnação.

Nas janelas, um festival de colchas e toalhas coloridas. As ruas são ornadas por cordões de pequenas bandeiras (*vistões*), ramos de cidreira vendidos nas barracas, jarrinhos de manjerição para dar sorte ou presentear as namoradas (posto ser *casamenteiro* o santo daquele dia), ramalhetes de flores (*festões*), arcos (com folhas de buxo, alfazema e louro), fogueiras (onde são queimados arcaismos e murta), bailes, balões e meia dúzia de fogos de artifício próprios dos arraiais daquele tempo. Além de crianças pedindo *uma moedinha para Santo António*⁷ e cantigas de moças que repetem sempre o mesmo refrão: *Santo António, Santo*

CORREIO DA NOITE

N.º 2.522 Publicações—No tempo de jornal pagada na 1.ª pag., 100 réis a linha; na 2.ª a 5.ª, 60 réis.—Anúncios—em 30 réis a linha.—Número regular—No dia da publicação, 10 réis; nos outros, 20 réis.—Número extraordinário, 800.

Explicações

Não há razão de reparo em se fazer chagado a ponto de ir fazer uma questão parlamentar. Faria consistir essa situação banal e quasi insignificante de se perceber as condições e meios de se fazer a coisa, mas não se trata de fazer a coisa, mas de saber qual a situação, qual o estado de espírito, qual o estado de opinião, qual o estado de opinião pública que se encontra em relação ao assunto. É evidente que se não se sabe qual o estado de espírito, qual o estado de opinião pública que se encontra em relação ao assunto, é impossível fazer a coisa com segurança e com êxito.

O governo tinha de não ter feito os seus preparativos para a reunião de maneira favorável ao partido da esquerda, mas de maneira a não dar lugar a nenhuma interpretação de admissão de culpa.

Na reunião de 16 de junho, não se fez um perfeito acordo político, na significação que os meus palavras tomam na história. Nos partidos nos últimos anos — alguns mais antigos, outros mais recentes — houve um acordo político para todo o país, desde a linha do meio até a linha da esquerda, em relação ao assunto. É evidente que se não se sabe qual o estado de espírito, qual o estado de opinião pública que se encontra em relação ao assunto, é impossível fazer a coisa com segurança e com êxito.

LIBERDADE

Quinta-feira, 14 de junho de 1888

CRONICA ELEGANTE

Passem agora amanhã:

As 6.30 da manhã — A festa da sociedade de S. João do Bairro de S. João. A festa da sociedade de S. João do Bairro de S. João.

As 7.30 da manhã — A festa da sociedade de S. João do Bairro de S. João. A festa da sociedade de S. João do Bairro de S. João.

As 8.30 da manhã — A festa da sociedade de S. João do Bairro de S. João. A festa da sociedade de S. João do Bairro de S. João.

Notícia do nascimento de Pessoa

⁷ O costume vem da época do terramoto que destruiu Lisboa, em 1755, quando erguiam pequenos troncos e pediam contribuições aos passantes. Como o tempo essas moedas, no início destinadas às igrejas, passaram a ficar para elas próprias. Apesar de ser o santo mais popular de Portugal, e de ter nascido em Lisboa, não é ele o padroeiro da cidade, cabendo essa honraria a São Vicente, com festa em 22 de janeiro. Nascido em Huesca, nos Pirenéus (Espanha), São Vicente foi sagrado padroeiro de Lisboa na primeira dinastia portuguesa. Torturado pelo imperador romano Diocleciano, manteve sempre um estranho sorriso no rosto. Morreu sorrindo. O culto espalhou-se, durante o domínio muçulmano, por toda a Península Ibérica. O seu corpo, encontrado numa barca à deriva, era guardado por dois corvos – adotados como emblemas da cidade. É padroeiro também de Berna, Charlone, Faro, Magdeburgo, Milão, Saone, Saragoça e Valência. Padroeiros do Reino são dois: a Virgem Nossa Senhora da Conceição – proclamada em 1646, por El-Rei D. João IV (*O Restaurador*); e aquele Santo António para quem as crianças pedem moedas, pelo Papa Pio XI (em 1934) feito *patrono secundário de Portugal*.

Antoninho, arranje-me lá um maridinho. No dia seguinte o *Correio da Noite* (de Lisboa) noticia o seu nascimento, na primeira página, na secção *Crónica elegante*.

A aldeia de Pessoa

“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo.” Essa aldeia é Lisboa, claro. Mas não propriamente Lisboa, pois, com 7 anos, Pessoa vai para África e só volta com 17, já quase homem feito (para os padrões de então), “estrangeiro aqui como em toda parte”. Estuda com a mãe, porque, naquela época, as crianças não iam à escola antes dos 7 ou 8 anos. E brinca nos arredores do edifício. O seu horizonte é pequeno e perto. O mundo que conhece é só aquele espaço que tem à mão. “A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos” – confessa em carta a João Gaspar Simões (11/12/1931). *Ah, sim! Ele afirmava isso tantas vezes, e dizia também que a aldeia em que nascera era o Largo de São Carlos* – segundo Teca, a irmã Henriqueta Madalena. O jornalista e escritor Luís de Oliveira Guimarães confirma: *Quando o conheci perguntei “onde é que você nasceu?”.* “Nasci numa aldeia que tem um teatro de ópera”, disse-me. “É uma aldeia que se chama São Carlos.” Seria a sua primeira pátria, dolorosamente abandonada. “Amo esses largos solitários, intercalados entre ruas de pouco trânsito.” De lá “se pode pensar no infinito. Um infinito com armazéns em baixo, é certo, mas com estrelas ao fim”. A imagem de um largo assim, com jeito de “clareira de aldeia”, permanecerá na criança eternamente.

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,⁸
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,⁹
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,¹⁰

⁸ Numa primeira versão, “*Já lenta* na tarde calma”.

⁹ Para comentadores de Pessoa haveria, nesse verso, uma elipse da palavra *lento*, referida no verso anterior; o sentido seria, pois, *tão lento como triste da vida*.

¹⁰ Numa primeira versão, “Não me soas como a um monge”; e, depois, “Quando passo *triste e errante*”.

És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante.¹¹

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

Sem título (1911),¹² Fernando Pessoa

Esse sino fica longe das cidadezinhas do interior em que sonha findar seus dias. “O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Mártires, ali no Chiado” (carta de 11/12/1931). Das janelas laterais do apartamento vê-se o seu campanário – dois sinos superpostos num lado, outro maior, em cima quatro pinhas; no alto, pequeno globo terrestre, palma e cruz de ferro negra; mais um sino pequenino de lado, afastado dos outros. Apenas uma rua estreita, a Serpa Pinto, o separa da “alcova velha da minha infância perdida”. Nesse tempo, em seu quarto, quase sente os sinos fisicamente; até quando ficam só lembranças, “soas-me na alma distante”.

Toquem sinos – toquem claramente
Talvez o vago sentimento que acordem
Não sei por quê – lembre a minha infância
Toquem sinos, toquem! A sua alma é uma lágrima.
O que importa? A alegria da minha infância
Vocês não me podem devolver.

“The bells” (Os sinos), Alexander Search

Apesar de não ser religiosa a mãe, nessa igreja é batizado (em 21/7/1888), pelo monsenhor António Ribeiro dos Santos Veiga. Padrinhos são tia Anica, Ana Luísa Xavier Pinheiro Nogueira (casada com o agrónomo João Nogueira de Freitas), única irmã da mãe de Pessoa – que o restante irmão, António Xavier Pinheiro Nogueira, morreu solteiro (em 1883) com apenas 19 anos; e um aparentado, o general do Exército Cláudio Bernardo Pereira de Chaby – que batalhou na Patuleia, foi membro da Academia de Ciências de Lisboa e era tio do grande ator Chaby Pinheiro, o mais gordo da história de Portugal.

¹¹ Numa primeira versão, “Soas-me *sempre* distante”.

¹² O poema, a que Pessoa por vezes se refere como “O aldeão”, tem uma primeira versão de 8 de abril de 1911. A versão definitiva foi publicada em 1914, na revista *Renascença*.

Ao prior da igreja Pessoa escreve depois, protestando por se dar tão cedo; que “o batismo subentende, segundo penso, a integração da vítima na Igreja Católica”. Provavelmente por se sentir constrangido – dada a sua ascendência paterna, que é judia. No diário, em anotação de 26 de maio de 1906, diz “comecei a carta”. Minuta de 1907, que tem o prior como destinatário, figura em relação de *cartas enviadas ou a enviar* com carimbo do heterónimo C.R. Anon. Mais tarde, ainda confessaria ter nascido num tempo “em que a maioria dos jovens havia perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os maiores a haviam tido sem saber por quê”. E do catolicismo não voltaria a aproximar-se; embora sentisse o Cristo bem perto, no fim da vida, como se vê neste poema em honra ao Homem na cruz:

O Rei fala, e um gesto seu tudo preenche,
O som de sua voz tudo transmuda.
Meu Rei morto tem mais que majestade:
Fala a Verdade nessa boca muda;
Suas mãos presas são a Liberdade.

Sem título (1935), Fernando Pessoa

Portugal

O país, com 5 milhões e meio de habitantes, exhibe uma dívida externa que passa dos 20 mil contos de réis. A economia é um caos. Apesar da penúria dos cofres públicos, são adquiridos pelo governo os manuscritos da Casa Pombal – mesmo neles não estando os documentos que se referem à guerra aos jesuítas, desde 3 de setembro de 1759 expulsos do país. O ministro Joaquim Augusto de Aguiar, por decreto de 19 de dezembro de 1834, extinguiu todas as ordens religiosas – passando, por isso, a ser conhecido como o *Mata-frades*. Agora, na crise moral em que mergulhou o país, assiste-se a nova invasão da Companhia de Jesus. Mas o ódio a jesuítas e freiras é ainda forte, e uma campanha nacional tenta impedir a volta das irmãs hospitaleiras ao país. Em 1888, por toda parte, os reis correm perigo. A Alemanha perdeu os seus dois imperadores. O do Brasil está doente. Humberto de Itália padece gravemente. E Leão XIII, em breve, afinal conhecerá o Deus com quem sempre sonhou. Apenas uns poucos não se dão conta de que a cor vermelha, da República, já mancha o azul e o branco da bandeira dessa monarquia agonizante em Portugal. Naquele ano, a família real viaja até Marselha, escapando ao forte calor do verão. A rainha